

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

O ENSINO CRÍTICO DE GEOGRAFIA - A TEORIA E A PRÁTICA

Gilnei Machado

Boletim Gaúcho de Geografia, 21: 153-154, ago., 1996.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38759/26374>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - ago., 1996

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

O ENSINO CRÍTICO DE GEOGRAFIA – A TEORIA E A PRÁTICA

Gilnei Machado *

Atualmente nos cursos universitários que formam os professores de geografia, aprendemos que devemos ser sempre críticos em todas as formas de nosso ensino, nos primeiro e segundo graus.

Nosso objetivo, a partir deste trabalho, é questionar como pode o professor de geografia ser crítico com todo este sistema que nos envolve atualmente.

Todos nós acreditamos na importância do ensino crítico como forma de desenvolver cidadãos mais capacitados para enfrentar a sociedade atual. Realmente, domesticação e adestramento não é educação e se é, é uma parte muito pequena do que chamamos de educação.

Uma proposta crítica exige julgamento, escolha consciente, responsabilidade, tanto por parte dos professores como por parte dos alunos que vivenciam junto com o professor a proposta. Não há uma separação entre estes dois sujeitos pois a criticidade implica numa relação de sujeitos que se educam num espaço que denominamos sala de aula.

Não adianta o professor dizer que acredita numa prática de ensino crítico quando na realidade os seus ensinamentos desmentem isso, pois conforme nos diz OLIVEIRA (1995) *“O saber que vem sendo ensinado nas escolas sobretudo de primeiro e segundo graus ainda está muito longe de permitir aos jovens a compreensão do mundo em que vivem, e muito menos ainda tem permitido abrir horizontes para a sua transformação.”* Os materiais e atividades utilizadas pelo professor devem ser um meio e não um fim, devem fazer parte de um projeto em que alunos e professores descubram a realidade juntos.

Mas temos ainda um problema sobre o qual ainda não falei, que é a falta de interesse por parte dos alunos em exercitar esta proposta crítica de educação geográfica. Por que será que acontece isso? Na minha concepção isso está acontecendo porque os alunos encaram a geografia como uma ciência obsoleta, sem uso prático. Dessa forma demonstram toda a forma de desrespeito para com os professores e seus ensinamentos. É claro que isso acontece também em outras áreas como a história, por exemplo.

Realmente se torna cada vez mais difícil ao professor de geografia ser crítico. Escrevo isso devido às condições em que se encontra a escola em que trabalho onde nem mesmo a direção consegue dominar o comportamento dos alunos.

Apesar da prática pedagógica ser de grande importância, o fator principal está do lado de fora da escola: será que depois da aula esse aluno vai para as ruas vender pipocas? Será que tem uma casa, um lugar para fazer suas tarefas? Será que tem um lugar para dormir, comer? Será que tem com quem relacionar-se afetivamente?

A AGB tem promovido, através de seus encontros, muitas mudanças na forma de pensar e agir dos professores, mas infelizmente nada ela pode fazer com relação aos problemas dos nossos alunos. Assim, em minha opinião, o ensino crítico de geografia estará sempre comprometido, pois existe uma diferença muito grande entre a teoria da universidade e a prática em sala de aula nos primeiros e segundo graus. Para concluir gostaria de repetir uma pergunta feita por um grande autor conhecido dos geógrafos e professores de geografia: “Para onde vai o ensino de geografia?”

* Acadêmico do curso de Geografia da FURG / Co.aboradora: Profª Ieda Duval.

• • • • •

DISCUTINDO A IDENTIDADE REGIONAL DO RIO GRANDE DO SUL

Giovana Mendes de Oliveira *

Este trabalho reflete sobre a identidade regional do Rio Grande do Sul que está alicerçada na figura do gaúcho da Campanha.

Hoje, se perguntarmos qual é o símbolo do Rio Grande do Sul, a resposta será tranqüilamente o gaúcho, mesmo sabendo que o gaúcho é uma figura que usa botas, bombachas e trabalha com a pecuária, que é realizada em determinado território do Estado, a Campanha.

Para entender sobre esta questão mais concretamente, podemos usar idéias do pensador italiano Antônio Gramsci.

Ele vai contribuir para a análise desta questão principalmente com o conceito de hegemonia, que é a divulgação da concepção de mundo de uma classe para as demais classes. Essa hegemonia é construída pelos intelectuais, que se apóiam em elementos da realidade e a elaboram na perspectiva da classe dominante para qual eles trabalham. Essa hegemonia é um sistema ideológico (entendendo ideologia como visão de mundo) que envolve o cidadão fazendo com que ele aceite esses fatos como naturais, sem importância e inquestionáveis.

Mas o que isto tem haver e com a identidade regional gaúcha?

A identidade regional gaúcha fundamenta-se em determinada área do Rio Grande do Sul, a Campanha, através da figura do gaúcho. Baseado nesse regionalismo a burguesia latifundiária tornou seus valores hegemônicos no Estado.

Na realidade, explorando a história, vamos verificar que o ideário gaúcho foi algo construído. E tal como nos diz Gramsci e outros autores, ele não é absolutamente irreal, ele está baseado em fatos existentes, mas foi elaborado segundo os